Revista Ñanduty
PPGAnt - UFGD

PPGAnt- Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 2317-8590
Dourados - MS - Brasil
www.ufgd.edu.br/nanduty

TAUSSIG, MICHAEL. "O DIABO E O FETICHISMO DA MERCADORIA NA AMÉRICA DO SUL" (386 PÁGINAS). TRADUÇÃO: PRISCILA SANTOS DA COSTA. 1° ED. SÃO PAULO. EDITORA UNESP, 2010.

NATACHA SIMEI LEAL*

Dizer que "O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul" (2010) é uma das grandes obras da antropologia não é uma simples força de expressão para dar início a uma resenha. Taussig, ao descrever o pacto com o diabo realizado por trabalhadores rurais das plantações de cana na Colômbia e mineiros da Bolívia, problematiza a narrativa etnográfica, discute com primazia a obra de Karl Marx, Walter Benjamin, Marcel Mauss e Georges Bataille, pensa a história, os sentidos da religião e do mercado, além de escrever brilhantemente: o texto de Michael Taussig é crítico, denso e envolvente.

Antes da tradução para o português, de 2010, essa obra esteve obscurecida e restrita às bibliografias de cursos de programas de pós-graduação em antropologia cujas temáticas voltavam-se para sociedades camponesas (ou antropologia rural). Mas a leitura de "O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul" ajuda a pensar a respeito de muitos outros campos: é um tratado de antropologia econômica, discute etnicidade e os sentidos de cultura, revê os conceitos mais duros de religião e magia, além de problematizar o papel político de nossa disciplina: a antropologia do exótico diz alguma coisa sobre nós mesmos?

Essa edição está dividida em quatro momentos: o primeiro deles é uma análise sobre a relação entre o conceito de fetichismo da mercadoria elaborado por Karl Marx e a crença no diabo de trabalhadores da América do Sul na existência do Diabo. As duas partes seguintes são etnografias baseadas em quatro anos de trabalhos de campo realizados na Bolívia e na Colômbia na década de setenta entre nativos que viviam a transição de um modo de vida camponês para a condição de proletários de minas e do agronegócio da cana. A última sessão é um retorno, empírico e teórico, do autor à América do Sul da década de noventa.

Lévi-Strauss (1985) talvez tenha escrito o texto que melhor sintetiza o sentido do saber antropológico ao dizer que o papel da disciplina é o de fazer a "ciência do observado" e não a "do observador". Taussig, indubitavelmente, faz a "ciência do observado" em "O Diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul", mas com um desafio ainda maior: usando o legado de Karl Marx (que recebe críticas de muitos antropólogos por ser o promotor por excelência de uma "ciência do observador").

O fetichismo da mercadoria ganha força nesse livro não somente porque Taussig descreve a passagem de uma economia do dom para uma economia de mercado na América do Sul. Mas porque ao longo de toda obra problematiza as especificidades do capitalismo de maneira mais geral. O desenvolvimento desse sistema, como apontam os economistas neoclássicos seria de fato natural?

O brilhantismo de Taussig foi o de descrever como os mineiros e trabalhadores da cana operaram de maneira muito criativa a luta de classes. Muitos desses nativos, ainda que bastante politizados, talvez não conhecessem os efeitos teóricos desse termo, tampouco a obra de Marx. Mas a crítica à economia do valor-de-troca (calcada na propriedade privada, na alienação do trabalho e na coisificação de relações humanas) estava dada: não somente em virtude da exploração por seus empregadores, mas pela instauração da crença no mal (no Diabo).

Foi a colonização espanhola que trouxe a esses países da América do Sul a figura do Diabo. Tanto entre os nativos bolivianos quanto entre

* Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2004), mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2008). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e Antropologia Rural . Atualmente é doutoranda pelo Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP).

os escravos negros na Colômbia (que no século vinte vieram compor a maioria dos trabalhadores do agronegócio da cana) a dicotomia católica bem (Deus) X mal (Diabo) não estava presente em suas religiões tradicionais.

No momento em que a terra e o trabalho tornam-se mercadorias e, consequentemente, as lógicas do dom e da reciprocidade obscurecem-se diante de relações mercantis, o Diabo surge como um mediador de dois mundos. Passa a representar o processo contraditório e antitético do capitalismo: a dialética de destruição e produção. E mais! O Diabo torna-se não simplesmente a atribuição (ou simbolização) ao mal do agronegócio da cana ou da exploração das minas, é uma reação aos efeitos cosmológicos e cotidianos que um sistema fundamentado em mercadorias passa a organizar.

O pacto com o Diabo realizado por proletários da cana do Vale do Cauca na Colômbia tinha como objetivo o aumento da eficiência produtiva individual. Como esses atores recebiam pelo volume de produção, quanto mais trabalhassem mais dinheiro ganhariam. Mas o trabalho assalariado – árduo – não era o mais desejável porque era oposto à vida. Aqueles que promovessem tal pacto morreriam mais cedo e de forma bastante dolorosa, vale acrescentar, que o salário recebido (na forma de dinheiro) era estéril: era gasto com itens luxuosos e supérfluos que nunca se tornariam capital produtivo.

Com a ajuda de um feiticeiro esses trabalhadores construíam um boneco (um europeu com características africanas) que era escondido em um local estratégico da plantação. Capatazes e administradores temiam a influência dessa feitiçaria, do pacto com o Diabo, na medida em que os efeitos dela poderiam atingir indiretamente o latifúndio: quanto mais se produzisse lucro, mais estéril se tornaria a terra.

Taussig aponta que a linguagem da feitiçaria era considerada suja. Em seus trabalhos de campo na Colômbia, os pactos com o Diabo eram narrados como se fossem realizados sempre por terceiros e nunca por aqueles que os descreviam e explicavam. Tal fato não fez com que o autor questionasse a existência da magia. Preocupado com a crença coletiva, Taussig viu o pacto com o Diabo como um reflexo de autoconsciência cultural, uma tentativa crítica de manutenção da integridade.

Os mineiros da Bolívia realizavam feitiçarias de forma bastante semelhante. Esses trabalhadores possuíam grandes bonecos na forma de humanoides (Tio ou o Diabo) que representavam o espírito detentor das minas de estanho. Sua atitude para com esses fetiches, no entanto, era sempre reverencial porque tal espírito era ambíguo: representava a vida e a morte. Tanto a produção de minérios, quanto os próprios mineradores dependiam da boa vontade desse espírito.

Por isso os nativos bolivianos realizavam rituais e trocas de dádivas com o Tio. Com a engrenagem capitalista, no entanto, o espírito das minas passou a refletir mudanças: Tio deixou de ter um caráter benevolente e passou a evocar somente o mal. Tornou-se o arquétipo da submissão indígena e da perda de controle desses sobre suas próprias vidas.

De detentor das minas, Tio passou a ter o caráter de um proprietário capitalista, os bonecos que o fetichizavam, inclusive, passaram a ter feições de homens brancos (dos donos das minas). Como na Colômbia o pacto de mineiros bolivianos com o diabo também evocava desastres, doenças e perdas; os acidentes nas minas eram sempre associados aos acordos feitos com Tio.

Nas culturas andinas a natureza e os seres humanos formavam um todo complexo e organizado. Não havia um espírito do mal todo-poderoso, mas uma variedade de espíritos incorporados a ícones naturais. Com a entrada do capitalismo, as relações sociais e a natureza foram alienadas de equilíbrio; e os rituais dos mineiros passaram a sintetizar essas mudanças.

De fato, o mundo sobrenatural da década de setenta tinha algumas semelhanças com o do Império Inca. Mas as tentativas de transcendência ganharam um novo caráter. Os rituais não tinham mais um sentido estritamente social, eram também metafóricos: de algum modo tornaram-se uma estratégia para os indígenas vencerem seus opressores.

Quando Taussig retorna, na década de noventa, à América do Sul, os pactos com o Diabo não são mais realizados. Mas a realidade de devastação, doenças e perdas está presente. As matas estão completamente destruídas, não há qualquer resquício de uma cultura camponesa e as próprias plantações de cana não existem mais: a terra tornou-se infértil, da paisagem se vê somente a chaminé do engenho.

Marxistas mais ortodoxos podem questionar certas reflexões de Taussig**,** já que o esforço do autor, durante todo o livro, é o de descrever a capacidade dos proletários da cana-de-açúcar – da Colômbia e das minas na Bolívia – de participar da produção de mercadorias (das lógicas do sistema de capitalista) sem com isso tornar sua cultura uma réplica da sociedade global, ou mesmo um microcosmo da economia mundial.

Porque para Taussig, esses proletários, ainda que submetidos às regras do capitalismo, realizavam o pacto com o Diabo a partir do ponto

de vista da dádiva. Por estar calcada nas trocas equilibradas, a lógica do dom, no contexto das plantações de cana e das minas, de algum modo ajudava a disseminar a esterilidade e a morte a que esses trabalhadores estavam sujeitos.

Por isso Taussig considera que os mineradores e trabalhadores da cana estão na vanguarda da luta de classes. A partir do conflito entre uma economia do valor-de-uso (do dom) e de uma economia do valor-de-troca (das mercadorias), empreenderam criações fantásticas que foram capazes de relacionar o mal à imagem do capitalismo. Além disso, ao tomar o diabo para si, esses nativos se apropriaram do grande inimigo de seus inimigos.

A leitura de "O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul" não é recomendada somente aos amantes da antropologia. A preocupação de Taussig com a arte da escrita, com a descrição minuciosa de fatos históricos e com a crítica ao reducionismo econômico é também bastante frutífera para reflexões de cientistas políticos, economistas, sociólogos, historiadores e estudiosos de literatura.

Bibliografia:

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino*. In: Antropologia Estrutural. 2° edição. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro. Editora Tempo Brasileiro, 1985.

TAUSSIG, Michael. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul.* (386 páginas). Tradução: Priscila Santos da Costa. 1° Ed. São Paulo. Editora Unesp, 2010.